

A arte de brincar

“Em nossa cultura, tudo é uma forma de arte.

Para nós, uma canção é arte. Dançar é arte. Uma oração é arte. Desde o momento em que você começa a fumar o [cachimbo ritual] para falar com as divindades, estabelecendo essa conexão com Nhanderu — isso é arte.

A pintura corporal é arte. É uma forma de se conectar com Nhanderu, portanto, é um tipo de arte.

É claro que não existe uma palavra em guarani para “arte”. Mas tudo está relacionado à arte. Tudo está conectado à espiritualidade”.

— Iarí (Jenis), Artista Guarani

“Nossos ancestrais, nossos avós, já tinham esse hábito de registrar em pedra. Antigamente, existia a prática de registrar a história por meio da arte em pedras, usando carvão e corantes naturais.

Eu frequentemente via minha mãe fazendo cestos. Ela pintava o bambu com carvão e cera de abelha, e isso fixava muito bem outras cores que vinham das folhas, mas quando cozidas com o bambu, elas ficavam um pouco alaranjadas, um pouco rosadas, um pouco marrons.

E então eles pegavam folhas ou cascas de árvores que ficavam verdes ou escuras. Por exemplo, ainda fazemos isso hoje em dia. Posso fazer com coisas simples, agora com as crianças, para mostrar que podemos pintar com corantes naturais.

Acho que isso representa nossa vida. É colorida; deve haver muita beleza dentro de nós, em nossa consciência. Também acho que representa muitas coisas boas que temos dentro de nós. Eles conseguem transmitir isso através da arte, que é colorida, e é por isso que entendemos que as coisas boas precisam ser coloridas.”

— Míndua (Silvana) Guarani, Professora e líder comunitária

Na visão do povo Guarani, a vida se justifica pela beleza. A relação com o divino e o transcendente se dá por meio da arte. Arte é ritual. Ritual é arte. E esse complexo de ritual-arte-beleza não é algo que acontece apenas em dias especiais ou com pessoas especiais, mas deve fazer parte do cotidiano de todos.

Na época da invasão europeia do que mais tarde se tornou o Brasil, dezenas de milhões de guaranis circulavam livremente pela América do Sul: povos nômades que falavam dezenas de línguas semelhantes, em grupos grandes ou pequenos, viajavam entre aldeias para comerciar, casar, conhecer novas pessoas e buscar a Terra sem Males, da qual haviam sido expulsos no início dos tempos. Muitos viviam no litoral e sofreram o impacto da primeira onda de brutal colonialismo. Outros habitavam terras como os pampas do sul, cobiçadas pelos europeus para a agricultura ou a pecuária, e por isso sofreram a segunda onda.

Apesar de 525 anos de repressão e genocídio, os Guaranis persistem em centenas de pequenas aldeias no sul e oeste do Brasil, bem como no Paraguai e na Bolívia. Mantêm suas línguas e culturas. E continuam migrando de uma aldeia para outra, de um bioma para outro, em busca da Terra sem Males. Acreditam também que suas danças, músicas, canções e rituais afastam o fim do mundo: que a beleza que criam não só justifica, como sustenta a Terra para todos os seus habitantes.

Em grande parte da filosofia que emerge do mundo greco-romano — e que estrutura o sistema universitário e até mesmo a forma como a maioria de nós divide o mundo para compreender suas partes — esses conceitos foram separados em disciplinas acadêmicas distintas. Arte é uma coisa, ritual outra. Esporte é uma coisa, música outra. Orações acontecem em certos contextos ou lugares, enquanto a escola e o aprendizado acontecem em outros. Agricultura tem a ver com a produção de alimentos ou dinheiro, longe da igreja ou de um museu. Mas para os Guaranis, todos esses elementos são a mesma coisa: todos contribuem para a beleza que permite a conexão com os outros, com Nhanderu e com o mundo transcendente.

Talvez ainda mais desafiador para a mentalidade ocidental, outro conceito radicalmente diferente — pelo menos em nossa forma de pensar disciplinar — faz parte da mesma conexão entre arte, agricultura, aprendizado, ritual e divindade. Os pensadores Guarani com quem conversamos — de filósofos e artistas a crianças pequenas — insistem que todas essas atividades são *brincadeiras*.

Em “A Arte de Brincar”,¹ um filme que fizemos em colaboração com a comunidade Guarani de Biguaçu, SC, o artista Iarí Guarani explica como a brincadeira na natureza reúne tantos desses elementos.

Quando uma criança vai brincar na floresta, ela também está mantendo viva a nossa cultura. É uma forma de interagir com todas as divindades, os espíritos da floresta. Não são apenas as árvores e a floresta que estão lá. Existem guardiões, existem espíritos que cuidam da floresta, e brincando na floresta, aprende-se a se comportar [com esses espíritos], a ser Guarani, a fazer parte da natureza.

É importante porque nascemos da natureza e a ela retornaremos. Precisamos ter essa interação, essa experiência com a floresta.

¹ Ainda não está disponível online no momento em que este texto foi escrito, mas verifique <https://vimeo.com/1168606634> para ver se já está disponível quando você ler estas páginas.

Sua amiga Míndua , professora da pré-escola da comunidade, conclui que

Brincar significa que entendemos a vida de uma forma mais leve. A vida pesa menos para quem sabe brincar. Se você brinca e inventa, sua mente se transforma.

Pensar assim amplia o significado de brincar. Para mim , brincar é a mesma coisa que viver a vida.

Essa complexa associação entre arte, brincadeira e transcendência — que acontecem no coletivo — reverberará por todas as reflexões deste livro.

Brincar é viver.

“Brincar é encontrar: encontrar o outro e encontrar a si mesmo. É por isso que digo que, para mim, brincar é viver.”
— **Ciany Castro**

“Brincar é compreender a vida de uma forma mais leve. Se você vive brincando, se você vive inventando, a vida se expande.”

Para mim, brincar é o mesmo que viver a vida.
— **Silvana Míndua Guarani**

Brincar é vida. Ouvimos essa ou frases semelhantes de dezenas de pessoas de diferentes origens e classes sociais em diversas partes do Brasil. Brincar *dá sentido* à vida e é a própria vida — não apenas para crianças, mas para qualquer pessoa.

Mas afinal, o que significa brincar? *O que é brincar?*

O português brasileiro emprega diversas palavras diferentes onde um falante de inglês poderia usar “play” ou “game”. *Jogar* — como o jogo bonito do futebol — deriva do latim *jocare* , a origem do inglês “joke” e “jocular”, mas que também significa esporte. *Jogar* também pode significar uma bola jogada ou uma pessoa que não presta atenção em si mesmo: jogado.

Brincar, por outro lado, pode significar brincadeira de criança, mas também se refere a assuntos que um falante nativo de inglês jamais descreveria como brincadeira: a música e a dança do carnaval, rituais afro-brasileiros e cerimônias como o Tambor de Crioulo, o maracatu ou o Boi de Mamão. A etimologia de *brincar* é particularmente interessante: vem do latim *vinculum*, que significa vínculo ou algema. Muitos autores romanos usam a palavra em um sentido particularmente pejorativo, associando-a à punição e ao aprisionamento, mas *vinculum* também pode significar conexão. Contrariando essa etimologia de algemas, brincar também está associado à liberdade. Ao brincar, tem-se o direito de desafiar — ou talvez de se libertar — das hierarquias e sistemas de autoridade tradicionais que tornaram as formas peculiares de colonialismo e racismo no Brasil tão dolorosas e opressivas.

Embora "play" em inglês tenha passado a ser associado a crianças se divertindo, a palavra ainda conserva alguns de seus significados mais antigos. Falamos, por exemplo, do "jogo de luz na água", que remonta ao inglês medieval "*pleien*", que significa mover-se leve e rapidamente. A associação com alegria também é muito comum e documentada no holandês medieval "*pleyen*", que significa "alegrar-se ou ficar contente". Muitos dos significados antigos de "play" também têm a ver com cultivar ou cuidar de outro: o saxão antigo "*plegan*" é "garantir, assumir a responsabilidade por", a *plega* do frísio antigo é "cuidar de" e o cognato alemão "*pflügen*" significa "cuidar de" ou "cultivar". A divisão radical entre brincadeira e trabalho, e a associação da brincadeira com a simples diversão infantil, parecem ser consequências da visão moderna da vida. Assim como no português brasileiro contemporâneo, o inglês e as línguas anglo-saxônicas há muito entendiam que brincar é uma atividade muito mais importante e filosoficamente profunda do que os habitantes contemporâneos das democracias industriais poderiam perceber.

Nesse sentido, compreendemos por que os brasileiros associam esse grande propósito da vida — *estar juntos* — à brincadeira. Brincar une as pessoas e cria conexões. Qualquer pai ou mãe observa esse processo acontecer com os filhos: não há maneira mais rápida para as crianças fazerem amigos do que brincando juntas. Os brasileiros têm a perspicácia de entender que o mesmo vale para os adultos: brincar nos une.

O jogo é para si mesmo

Qualquer estrangeiro no Brasil se deparará com um paradoxo. O Brasil é um país onde formas de repressão da Idade Média e o período colonial persistiram até a era moderna: a brutal violência policial nas favelas, o extermínio de povos indígenas que continua até hoje, empregadas domésticas ainda tratados como escravas, a verdadeira escravidão imposta por corporações modernas. Até mesmo a perversa nostalgia pela autoridade e pela ditadura, encontrada em muitos setores da extrema direita brasileira, incorpora essa tradição de opressão feudal e colonial. Ao mesmo tempo, o Brasil também se apresenta como um dos lugares mais livres e criativos da Terra: dança, música, carnaval, crianças brincando nas ruas da favela, um florescimento extraordinário das artes e do cinema, da literatura e da poesia. Muitos observadores externos também notam a liberdade dos corpos brasileiros, que fluem e dançam com membros soltos e se alegram com roupas flexíveis, tão diferentes das posturas rígidas e formais de muitas outras culturas.

Em parte, os brasileiros lidam com esse paradoxo por meio da brincadeira. Brincar *parece* ser — como diz Míndua Guarani — mais leve, menos pesado. E de fato é: quando se brinca, livra-se dos fardos da vida cotidiana, dos golpes e flechas da fortuna adversa. Mas essa aparente leveza também faz com que a liberdade pareça menos ameaçadora para os poderosos — é "apenas" uma brincadeira, "apenas" diversão. Assim como o Senhor da Desordem na Inglaterra medieval, quando um servo ou plebeu era nomeado para governar os nobres por um dia, a "liberdade lúdica" do carnaval pode ser vista como uma forma de extravasar, em vez de uma ameaça real ao poder e às hierarquias. Contudo, mesmo escapando das amarras da autoridade tradicional, essa leveza está longe de ser insuportável: na verdade, ela proporciona a estrutura na qual a vida e o significado florescem.

Talvez o que conecte todas essas definições de brincadeira seja o fato de que a brincadeira se *justifica por si só*: não precisa servir a nenhum outro propósito. Brincar não é um meio para um fim, mas um fim em si mesmo.

Quando nossa filha Helena tinha seis ou sete meses de idade, meus pais compraram para ela um Johnny Jump-Up , um daqueles cintos de segurança que são pendurados no batente da porta para que as crianças possam praticar os movimentos de andar e pular sem o perigo de cair. Aos sete ou oito meses, a idade "adequada" para o Johnny Jump-Up — quando ela poderia usá-lo para ficar mais forte e aprender a se equilibrar — Helena não gostei muito do brinquedo. Ela se sentava e ficava pendurada de vez em quando, balançando para frente e para trás, mas não pulava muito. Logo em seguida, guardei a cadeirinha na caixa que dizia "Feita para que os bebês possam fortalecer as pernas para andar e correr, e melhorar o equilíbrio e a coordenação".

Bem, depois que ela aprendeu a andar e correr, quando não "precisava" mais do brinquedo para fortalecer as pernas Helena apontou para o Johnny Jump-Up, agora guardado em seu quarto. "Você quer brincar com ele?", perguntei, ao que ela assentiu com entusiasmo. Montei o brinquedo, ela entrou e pulou, pulou, pulou, com um sorriso enorme no rosto. Agora que o brinquedo estava ultrapassado, já não *servia mais* para "fortalecer as pernas para andar e correr", ele se tornou divertido. Quando servia *para outra coisa* — para prepará-la ou treiná-la para andar — era um tédio. No entanto, quando se tornava *inútil*, podia ser prazeroso. Nesse momento, a atividade passava a ser para si mesma, e não para outra coisa.

Quando as empresas de brinquedos fazem marketing para os pais hoje em dia, os brinquedos precisam ter uma *função*. Elas ensinam alguma habilidade, fortalecem os músculos, tornam os bebês mais inteligentes... campanhas inteiras de propaganda de empresas de brinquedos agora são construídas em torno da capacidade pedagógica de coisas que as crianças antes faziam apenas por diversão. E não é só propaganda corporativa: não sei quantos livros sobre reforma educacional já li sobre como as crianças precisam "aprender brincando e brincar para aprender".

Mas eis o problema: brincar não serve para mais *nada* — ele se justifica por si só e não por algum outro objetivo. Temos sim razões ou objetivos dentro de uma brincadeira, mas ele é brincadeira justamente por ser suficiente por si só. Eu brinco porque é divertido; porque me faz sorrir; às vezes, eu brinco simplesmente porque brinco. Quando existe um objetivo fora da brincadeira, isso na verdade prejudica a experiência: se eu jogo futebol apenas para conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade ou uma vaga em um time profissional, o jogo muitas vezes se torna um fardo .

Nada disso significa que brincadeiras e jogos não tenham consequências: têm sim. Elas fortalecem as pernas, ajudam na coordenação motora e nos protegem de doenças cardíacas. Eles nos colocam no mesmo espaço para que possamos estar juntos e fazer coisas juntos. O futebol provavelmente me ajudou a entrar na faculdade em Williams, me fez amigos em Harvard e em favelas por toda a América Latina... mas tudo isso são consequências. Em termos filosóficos, elas *se seguem*, mas não podem ser *perseguidas* [*they ensue but cannot be pursued*]. No momento em que esses elementos se tornam o ponto central da brincadeira, o seu objetivo, então a brincadeira deixa de ser autossuficiente, deixa de ser completa... talvez até deixe de ser divertida.

Quando Helena começou a *brincar* no Johnny Jump-Up, ela adorou porque já tinha equilíbrio e força suficientes, pois sabia correr e pular. Ela adorava brincar nele porque não precisava mais dele.

O poeta e filósofo alemão Friedrich Schiller fez uma observação semelhante ao sugerir que diferentes esferas do ser exigem diferentes abordagens humanas: quando pensamos em termos de leis, *o dever* é a categoria

operante. Quando precisamos comer ou encontrar abrigo, *a necessidade* é. Mas quando se trata de felicidade e beleza, brincamos. “No domínio da verdade e da moralidade, a sensualidade não deve ter poder determinante; mas na esfera da felicidade, a forma pode encontrar um lugar, e o instinto lúdico prevalece.”²

Immanuel Kant havia publicado seu ensaio “Fundamentação da Metafísica da Moral” apenas dez anos antes de Schiller publicar essas cartas, e a ética rígida e inflexível de Kant havia deixado sua marca na filosofia alemã — como ainda deixa hoje. Kant insistia que todos os atos humanos deveriam ser julgados apenas pela razão e motivados unicamente pelo dever para com uma lei que o próprio sujeito ético raciocinava para criar. Como cada sujeito pensante tinha o direito e a responsabilidade de considerar e justificar a lei à qual estaria sujeito, Kant insistia que sua obra era um avanço da liberdade — e, em relação à obediência forçada às leis do Estado prussiano militarista, de fato o era. Não obstante, Schiller queria insistir que nem toda a vida poderia ser regida pela razão e pelo dever: no mundo da beleza e do significado, os humanos *brincam*: “o homem só leva *a sério* o agradável, o bom e o perfeito, mas *brinca* com a beleza.” (20, grifo meu)

Perspectivas indígenas sobre o brincar

Antes de começar a trabalhar com povos indígenas na América Latina, eu sofria de um preconceito que, acredito, é bastante comum. Eu pensava que os povos indígenas eram estoicos, nobres e pacientes. Os povos guaranis, cuja forma de resistência ao colonialismo europeu muitas vezes se deu por meio do isolamento em comunidades culturalmente autossuficientes, podem parecer a forma mais extrema desse estoicismo estereotipado. Em nossas conversas com muitos guaranis, eles de fato se orgulhavam das virtudes do silêncio, da reflexão cuidadosa e da paciência. “Aprendemos a sentar no *opy* (casa de oração) e a ouvir. Não se deve fazer barulho nem perturbar. Não se deve falar demais”, explicou o artista Iari Guarani.

No entanto, o conjunto de ideias e atividades que dão sentido à vida e afastam o fim do mundo — arte, oração, música, beleza — está englobado no conceito de brincadeira. Kátia, uma adolescente da aldeia de Biguaçu, explicou assim:

Quando dançamos juntos, compartilhamos a mesma energia que a Mãe Terra nos transmite, e todos sentimos essa energia quando dançamos juntos, o que nos traz uma força enorme.

Quando rezo, quando danço, sinto alegria. É uma paz para mim... porque acredito, acredito que Nhandaru está sempre nos protegendo para que possamos viver bem.

Arte, união, brincadeira, alegria e transcendência: Kátia reúne tudo isso em um mesmo quadro de uma vida plena e significativa. Alguém de uma religião afro-brasileira poderia usar a palavra *ajó*, como vimos no capítulo 4.

Nas últimas décadas, o conceito de “florescimento humano” tornou-se uma forma útil de pensar como inserir questões filosóficas sobre “bem-viver” ou “*eudaimonia*” em diálogo com políticas públicas concretas e a prática cotidiana da vida. Quando traduzimos “florescimento humano” para o português, vemos como a

²Cartas sobre a educação estética do homem, J.C. Friedrich von Schiller, p. 31

<https://openspaceofdemocracy.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/03/letters-on-the-aesthetic-education-of-man.pdf>.

metáfora botânica de “florescer” é muito explícita — e compartilhada por muitos pensadores indígenas e afro-brasileiros .

Quando mulheres indígenas no Brasil criaram uma campanha de interesse público sobre o que consideravam importante — sobre o que queriam refletir e o que queriam dizer ao mundo — elas falaram sobre sementes, transformação, florescimento. Metáforas afro-brasileiras para a cura do mundo e de seu povo frequentemente trazem as folhas — e Ossaim, o orixá das ervas medicinais — para o primeiro plano. De fato, é útil pensar seriamente na metáfora botânica. O que significa pensar em florescer na Amazônia, na Mata Atlântica e em outros ricos biomas brasileiros?

Schiller parece ter compreendido esse impulso para — e a alegria em — uma “ vida exuberante ” .

Mesmo na natureza inanimada, demonstra-se um luxo de força e uma liberdade de determinação que, neste sentido material, poderiam ser denominados brincadeira. A árvore produz inúmeros germes que são abortivos, sem se desenvolverem, e emite mais raízes, ramos e folhas, órgãos de nutrição, do que os utilizados para a preservação da espécie. Tudo o que esta árvore devolve aos elementos de sua vida exuberante, sem usá-lo ou desfrutá-lo, pode ser gasto pela vida em movimentos livres e alegres. É assim que a natureza oferece, em sua esfera material, uma espécie de prelúdio ao ilimitado... A restrição da superabundância ou da brincadeira física serve como uma transição da restrição da necessidade, ou da seriedade física, para a brincadeira estética; e antes de se libertar, na suprema liberdade do belo, do jugo de qualquer objetivo específico, a natureza já se aproxima, ao menos remotamente, dessa independência, pelo movimento livre que é em si mesmo seu próprio fim e meio.
(39)

Eis, então, a essência da brincadeira e por que ela é, de fato, um exercício tão espiritual. Num mundo onde a maior parte do que fazemos é direcionada para algo mais — eu trabalho para ganhar dinheiro; ganho dinheiro para ter coisas; tenho coisas para impressionar as pessoas ... ou compro comida fresca para ser saudável, sou saudável para viver mais ... — *a brincadeira não precisa de um objetivo para se justificar* . Brincar é o seu próprio objetivo, suficiente por si só.

Embora nunca tenha tido a oportunidade de desenvolver um argumento extenso sobre a brincadeira, David Graeber — que me parece um dos pensadores mais inesperados e iconoclastas do início do século XXI — começou a apontar para uma espécie de ontologia da brincadeira ou da liberdade lúdica: “o livre exercício dos poderes ou capacidades mais complexos de uma entidade tenderá, pelo menos em certas circunstâncias, a se tornar um fim em si mesmo”.

Exercer as próprias capacidades ao máximo é desfrutar da própria existência, e, em criaturas sociáveis, tais prazeres são proporcionalmente ampliados quando praticados em companhia. Da perspectiva russa [Graeber cita o naturalista russo Piotr Kropotkin], isso não precisa ser explicado. É simplesmente o que a vida é. Não precisamos explicar por que as criaturas desejam estar vivas. A vida é um fim em si mesma. E se o que estar vivo realmente significa é ter poderes — correr, pular, lutar,

*voar pelo ar — então certamente o exercício de tais poderes como um fim em si mesmo também não precisa ser explicado. É apenas uma extensão do mesmo princípio.*³

Graeber chega a sugerir que tanto a liberdade quanto a responsabilidade moral têm sua origem na brincadeira:

É precisamente na brincadeira que encontramos as origens da autoconsciência e, portanto, da liberdade e, portanto, da moralidade. 'O homem só brinca quando é, no pleno sentido da palavra, um homem', escreveu Schiller em sua obra Sobre a Educação Estética do Homem, 'e ele só é plenamente um Homem quando está brincando'. Se assim for, e se Kropotkin estiver certo, então vislumbres de liberdade, ou mesmo de vida moral, começam a aparecer por toda parte ao nosso redor. " (7)

Quando artistas, crianças ou professores Guarani colocam a arte e a dança, a oração, a agricultura e a brincadeira, tudo na mesma categoria do espiritual e do transcendental, parece ser a essa ideia que eles se referem. Não se trata tanto de que orar, dançar, brincar ou participar da beleza seja um *caminho* para comungar com Nhanderu, o grande espírito, mas sim que essas atividades *são, em si mesmas, essa comunhão*.

Artur, um menino afro-brasileiro de doze anos que participa do Tamboritá Maracatu no sul do Brasil, mostra que exatamente o mesmo processo acontece em sua vida.

Então, o que é realmente legal em tocar um instrumento no maracatu é que você estabelece essa conexão com os espíritos ancestrais, com os orixás da diáspora africana. É como ... como dizer "oi", um "olá" para os espíritos, como se dissesse "estou aqui com vocês".

Tocar tambores — ou, no caso de Artur, os sinos chamados agogô — é divertido. É alegria. É estar em comunhão com outras pessoas. E é comunhão ou transcendência com os espíritos do seu povo.

Arthur associa o jogo e o ritual não apenas à alegria, mas também à liberdade.

É como se você fosse um passarinho que cresceu em segurança no ninho, onde te ensinaram tudo... e de repente você pode voar!

Sua prima de sete anos declarou que quando toca o agbê — um chocalho feito de uma cabaça grande com contas enfiadas em volta — “eu estou voando. É como se eu estivesse ... eu me sinto como se estivesse nas nuvens.”

Na segunda parte deste livro, quero analisar as formas concretas de brincadeira no Brasil e em outras partes da América Latina — tanto as formas que analisamos quanto aquelas que adaptamos ou criamos ao longo dos últimos anos — e como essa ontologia da brincadeira e da liberdade pode oferecer uma forma diferente de convívio.

³ <https://thebaffler.com/salvos/whats-the-point-if-we-cant-have-fun>, p. 13

No Capítulo 5, apresentarei como a teoria da brincadeira— radicalmente diferente da teoria dos jogos dos economistas — oferece uma maneira de superar a lógica do jogo de soma zero, tanto porque a alegria não pode ser quantificada quanto porque a criação e a imaginação aumentam o tamanho da torta metafórica. O Capítulo 6 reflete sobre a ideia Guarani de que o jogo pode adiar o fim do mundo, utilizando exemplos concretos de brincadeiras e rituais no Brasil contemporâneo. O Capítulo 7 mostra como o teatro, a interpretação e a ficção podem oferecer maneiras de superar divisões — mesmo aquelas tão profundas quanto as que separam crianças-soldado marxistas e fascistas na Colômbia, ou as que separam a favela do asfalto no Brasil. O Capítulo 8 relaciona brincadeira e liberdade de uma forma mais matizada, e o Capítulo 9, partindo dos comentários de muitos pensadores afro-brasileiros e indígenas que afirmam que o jogo escapa à lógica binária do “ certo ” e do “ incorreto ” , do sujeito e do objeto, demonstra que, se levarmos o jogo a sério, desenvolvemos uma ontologia ou teoria completamente diferente sobre a realidade do mundo — o que possibilita a relação com o outro por meio do encontro e da alegria, e não da polarização.